

A semiótica e o Sul Global: sentidos, saberes e poderes

Alexandre Marcelo Bueno (Universidade de São Paulo)

Elder Cuevas-Calderón (Universidad de Lima)

Apresentação

A semiótica é um campo de conhecimento autônomo, mas ao mesmo tempo em diálogo com outros saberes. Mesmo com fundamentos epistemológicos distintos, as diferentes teorias semióticas compartilham um mesmo objeto de interesse: a significação. Dividem também um modo próprio de interrogá-la a partir da descrição das formas e dos processos pelos quais o sentido se produz, circula, se estabiliza e se transforma. As tradições semióticas partem do princípio de que o sentido não é algo dado, mas uma construção, com suas condicionantes sociais, culturais, econômicas, linguísticas e históricas. Esse princípio, no entanto, não abarca todo o campo. A biossemiótica, e parte da tradição peirceana, estende a semiose para além do humano para descrever mundos nos quais animais e plantas também significam, em elaborações recentes que combinam Peirce e o perspectivismo ameríndio, nos quais também os espíritos e outros seres não humanos participam da semiose (Kohn, 2013; Viveiros de Castro, 1996).

Outro ponto em comum entre as teorias semióticas se refere às suas origens no hoje chamado Norte Global, onde os modelos teóricos do campo se formaram na Europa e nos Estados Unidos. Essa hegemonia, contudo, não precisa ser lida somente como a oposição entre um bloco detentor do saber e outro desprovido dele. Pode-se, sim, apontar as desigualdades na produção, na circulação e na legitimação do conhecimento, ou seja, quem formula as categorias tidas como gerais, em que línguas elas circulam, que objetos são reconhecidos como teoricamente relevantes e quais ficam reduzidos a “casos locais”. Essas desigualdades atravessam também o próprio Sul, onde há centros e periferias acadêmicas, línguas hegemônicas e línguas subalternizadas e saberes (indígenas, afrodescendentes, populares) que permanecem à margem das instituições. Para a semiótica, essas desigualdades apresentam ainda duas faces que lhe são próprias. A primeira é o problema da metalinguagem: em que língua natural se formulam as categorias teóricas e o que se perde, ou se ganha, quando são traduzidas para outras (Hjelmslev, 1975; Lotman, 1996). A segunda é o problema da enunciação do saber, ou seja, o lugar a partir do qual se fala, problemática que pode ser estendida à pretensão de um observador que vê sem ser visto, que Castro-Gómez (2005) chamou de *hybris* do ponto zero.

Essa hegemonia tem sido questionada por pesquisas produzidas por pesquisadores que trabalham ou que advêm de regiões delimitadas pela expressão “Sul Global”. Esse movimento tem questionado os fundamentos epistemológicos dos saberes consolidados pelos distintos processos de colonização que cada país e continente sofreu, assim como as formas de colonialidade que permanecem nessas sociedades. Muitas propostas já foram feitas em diferentes áreas do conhecimento humano, sobretudo nas chamadas Ciências Humanas, como os estudos pós-coloniais, o giro decolonial, as epistemologias do Sul e o perspectivismo ameríndio, para mencionar apenas as que mais obtiveram repercussões nos meios acadêmicos (Quijano, 2000; Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007; Escobar, 2003; Santos; Meneses, 2009; Viveiros de Castro, 1996).

A semiótica, porém, não chega a esse debate de mãos vazias. A disciplina dispõe de instrumentos próprios para pensar o poder, a ideologia e a alteridade: a semiose social (Verón, 1987) e a noção de semiose colonial, formulada por Mignolo (2003). Este dossiê

convida a reativar esse repertório, entre outros não mencionados, e a confrontá-lo com o que as perspectivas decoloniais e pós-coloniais têm a dizer nos dias atuais.

Neste dossiê, “Sul Global” não designa apenas uma posição geográfica. A expressão pode se referir a uma posição nas relações de poder que organizam o sistema-mundo ou a uma perspectiva epistemológica. Além disso, essas dimensões não são equivalentes, uma vez que investigar um objeto latino-americano, africano ou asiático não implica, por si só, adotar uma perspectiva decolonial, assim como é possível pensar criticamente a colonialidade a partir de instituições situadas no Norte. Nessa medida, o “Sul Global” é também, para a semiótica, um objeto: uma categoria semântica, com seus contrários e seus contraditórios; uma figura e um tópico que circulam nos discursos midiáticos, políticos e acadêmicos; e uma posição de enunciação. Assim como o “Terceiro Mundo” foi, antes de tudo, uma invenção discursiva (Escobar, 1996), o “Sul Global” merece a mesma atenção descritiva.

A pergunta que organiza o dossiê é, assim, a seguinte: *como as práticas de significação e os saberes do Sul Global questionam, reformulam ou ampliam as ferramentas das diferentes tradições semióticas — e o que essas tradições, por sua vez, permitem compreender dessas práticas?* A formulação é deliberadamente de mão dupla: não se trata apenas de submeter a teoria à crítica, mas também de pôr à prova aquilo que ela ainda é capaz de descrever.

O objetivo deste dossiê é criar um espaço para que pesquisadoras e pesquisadores debatam as condições de uma semiótica pós-colonial ou de uma descolonização dos postulados teóricos e epistemológicos das semióticas. Trata-se de examinar se, e em que medida, essas revisões podem fundamentar as especificidades teóricas, epistemológicas e analíticas das semióticas do Sul Global. Para a semiótica, a colonialidade não é apenas uma relação de poder, mas também um regime de sentido, isto é, uma maneira de organizar a enunciação, as axiologias, os critérios de verificação e os regimes de visibilidade, entre outras possibilidades analíticas.

Por fim, a crítica às semióticas e a crítica dessa crítica fazem parte do debate que se deseja acolher. Desse modo, são igualmente bem-vindas contribuições que examinem, de forma argumentada, os alcances e os limites das propostas decoloniais e pós-coloniais: seus riscos de essencialização das culturas, de homogeneização do próprio Sul ou de reprodução, sob nova forma, das hierarquias acadêmicas que pretendem criticar. Nesse ponto, a crítica da razão latino-americana e de seus essencialismos (Castro-Gómez, 1996) é um precedente útil. A semiótica contribui aqui com o que lhe é próprio: a análise do próprio discurso decolonial e pós-colonial — suas figuras (“Ocidente”, “modernidade”, “Sul”), sua narratividade, suas axiologias e seus regimes de verificação.

Em todos os casos, espera-se que os artigos descrevam textos, práticas ou objetos concretos, ou examinem categorias teóricas e metodológicas específicas das semióticas. Não serão priorizados trabalhos cuja contribuição se limite à discussão das epistemologias decoloniais ou pós-coloniais sem incidência sobre categorias, métodos ou objetos semióticos.

Eixos temáticos

Este dossiê convoca, assim, pesquisadoras e pesquisadores interessados nessas problemáticas a contribuir com trabalhos vinculados a um ou mais eixos a seguir, postos como uma sugestão e um convite para a reflexão coletiva:

1. Genealogias e instituições do saber semiótico: história, circulação e condições institucionais da produção semiótica no Sul Global e a partir dele.

- Traduções, recepções, apropriações e reinvenções das teorias semióticas no Sul Global, incluindo o problema da metalinguagem e da tradução das categorias semióticas para outras línguas
- Tradições semióticas formadas na América Latina, na África e na Ásia e suas relações com os centros de produção teórica; as trajetórias de circulação entre Sul e Norte (Verón, 1987; Mignolo, 2003); as teorias elaboradas a partir de objetos do Sul
- Teorias da significação e do signo exteriores ao cânone euro-americano, como as tradições indianas, chinesas, árabes, africanas e ameríndias (sistemas gráficos mesoamericanos, quipus) e seu diálogo com as semióticas contemporâneas

2. Revisão conceitual e metodológica: exame crítico de conceitos e procedimentos à luz de objetos, línguas e experiências históricas do Sul.

- Crítica aos modelos teóricos semióticos advindos do Norte Global, a partir de problemas específicos: sujeito e agência, natureza e cultura, centralidade da linguagem verbal escrita, modelos de narratividade, universalidade das categorias; e ainda: signo e representação (a crítica perspectivista da representação diante da tríade peirceana), universais semânticos e quadrado semiótico, noções de texto e de cultura, relação entre o sensível e o inteligível (corpo, afeto, tensividade), regimes de crença e de veridicção
- Categorias semióticas que ajudam a pensar a própria assimetria entre tradições, como a dinâmica entre centro e periferia na semiosfera, a fronteira, a tradução e a relação entre o próprio e o alheio (Lotman, 1996); os regimes de alteridade (Landowski, 1992); a enunciação do saber e o “ponto zero” (Castro-Gómez, 2005)
- Propostas metodológicas para a análise de sistemas de significação não verbais ou não alfabéticos

3. Investigações empíricas situadas: análises de práticas de significação atentas às especificidades das culturas do Sul Global.

- Textos, práticas e objetos significantes das culturas locais e dos povos originários em suas oralidades, performances, sistemas gráficos, religiosidades, mídias, espaços urbanos, corpo, alimentação, descritos em sua organização interna e naquilo que exigem das noções de texto, de signo, de enunciação ou de narratividade
- Mistura, mestiçagem e hibridismos do Sul Global como processos semióticos, tais como tradução, creolização, semissimbolismo, regimes de interação e de alteridade, em diálogo com as elaborações clássicas dessas noções (Canclini, 1990; Zilberberg, 2004) e com suas críticas
- A colonialidade como efeito de sentido (sua inscrição na enunciação, nas axiologias, na veridicção e na visibilidade dos textos e das práticas). Processos de subalternização, disputas pela modernidade e práticas que reproduzem ou contestam a colonialidade, incluindo as estratégias de ressemantização e os projetos de autonomia e de desenho de outros mundos possíveis (Escobar, 2010)

4. Debates com perspectivas decoloniais e pós-coloniais: diálogo crítico, nos dois sentidos, entre as semióticas e os movimentos teóricos que problematizam a colonialidade.

- Interfaces com o giro decolonial (Ballestrin, 2013; Gómez & Grosfoguel, 2007; Escobar, 2003), o perspectivismo ameríndio, as epistemologias do Sul, entre outros movimentos teóricos, e com conceitos que já os aproximam da semiótica, como o de semiose colonial (Mignolo, 2003), o de *hybris* do ponto zero (Castro-Gómez, 2005) ou o de invenção discursiva do Terceiro Mundo (Escobar, 1996)
- Convergências, diferenças e tensões entre esses enfoques e as diferentes tradições semióticas
- Questionamento dos postulados teóricos e analíticos da decolonialidade, da pós-colonialidade e de outros movimentos teóricos do Sul Global (seus alcances e seus limites), na linha da crítica dos essencialismos latino-americanistas (Castro-Gómez, 1996)
- O discurso decolonial e pós-colonial como objeto semiótico: suas figuras (“Ocidente”, “modernidade”, “Sul”), sua narratividade (actantes, anti-sujeitos, programas), suas axiologias e seus regimes de verificação

Bibliografia

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, p. 89–117, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 149–186, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.1.149-186>.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; BUENO, Alexandre Marcelo; VARGAS, Celia Rubina. Semiótica na América Latina: estudos da sociedade e da cultura. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, v. 24, n. 3, p. 1–12, 2023. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/tl/article/view/15757>.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México, D.F.: Grijalbo, 1990.
- CARMONA, Luis Javier Hernández; FIGUEROA, José Javier Capera; DELGADO, Arturo José Bastidas; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; MENDOZA, Lucía Andreina Parra (eds.). *Semiótica y discursos de la descolonización*. Trujillo: Fondo de Publicaciones del Laboratorio de Investigaciones Semióticas y Literarias (LISYL), 2020.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Crítica de la razón latinoamericana*. Barcelona: Puvill Libros, 1996.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch’ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

- CUSICANQUI, Silvia Rivera. Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- DUSSEL, Enrique. 1492: el encubrimiento del Otro: hacia el origen del mito de la modernidad. Madrid: Nueva Utopía, 1992.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. Definición de la cultura. México: Itaca, 2001.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. La modernidad de lo barroco. México: Era, 1998.
- ESCOBAR, A. (2010). Latin America at a crossroads: Alternative modernizations, post-liberalism, or post-development? *Cultural Studies*, 24(1), 1–65.
- ESCOBAR, Arturo (2003). "Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano". *Tabula Rasa*, n. 1, p. 58–86.
- ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo: construcción y reconstrucción del desarrollo*. Bogotá: Editorial Norma, 1996.
- FONTANILLE, Jacques. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2, p. 1–9, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.127608>.
- FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso: balanço e perspectivas. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 6, n. 1, 2008. DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v6i1.951>.
- GROSFUGUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones decoloniales: una breve introducción. *Tabula Rasa*, v. 9, p. 29–38, 2009. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.337>.
- HAIDAR, Julieta. Los procesos semiótico-discursivos de la resistencia desde la complejidad, la transdisciplinariedad, la decolonialidad. In: HAIDAR, Julieta (ed.). *Cosmosemióticas de la resistencia y decolonialidad*. Mexico City: Sb Editorial, 2023. p. 25–46.
- HERRERA, Eduardo Chávez. Pasos hacia la descolonización de la semiótica. In: PARDO, Neyla Graciela; DELUPI, Baal (eds.). *Miradas múltiples de la semiótica latinoamericana*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2025. P. 205–228.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- KOHN, Eduardo. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LEMO, Carolina Lindenberg; PORTELA, Jean Cristtus; BARROS, Mariana Luz Pessoa de. Le soin de la formation: l'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. *Signata*, n. 3, p. 47–89, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/signata.806>.
- LOTMAN, Yuri. *La sémiotique*. Limoges : PULIM, 1996.
- MACHADO, Irene. Semiotic boundary spaces: an exercise in decolonial aesthetics. *Linguistic Frontiers*, v. 5, n. 2, p. 77–87, 2022. DOI: <https://doi.org/10.2478/lf-2022-0018>.
- MIGNOLO, Walter. Colonial semiosis and decolonial reconstitutions. *Echo: Rivista Interdisciplinare di Comunicazione*, v. 2, p. 8–20, 2020. Disponível em: <https://ojs.cimedoc.uniba.it/index.php/eco/article/view/1204/1017>.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.
- QUIJANO, Aníbal (2000). "Colonialidad del poder y clasificación social". *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342–386.

- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, p. 11–21, 1992.
- REYES, Angela. Postcolonial semiotics. *Annual Review of Anthropology*, v. 50, p. 291–307, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-101819-110253>.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. São Paulo: Boitempo/Autêntica, 2022.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Os saberes nascidos nas lutas: construindo as epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Autêntica, 2025.
- SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (orgs.) (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- VERÓN, ELISEO. La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1987.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- ZILBERBERG, Claude. "As condições semióticas da mestiçagem". Trad. Ivã Carlos Lopes. In: CAETANO, Káti; CAÑIZAL, Eduardo Peñuela (orgs.). *O olhar à deriva*. Mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.

Informações práticas

Datas importantes

- Submissão das propostas (uma página): 15 de outubro de 2026 a 30 de novembro de 2026. Enviar cópia para ambos os e-mails: alexandrembueno@usp.br e ECuevas@ulima.edu.pe. Assunto: Dossier A semiótica e o Sul Global - proposta artigo.
- Resposta sobre as propostas recebidas: 15 de dezembro de 2026.
- Período de submissão, pela plataforma OJS da revista, dos artigos full-text com proposta aceita: 15 de janeiro a 15 de março de 2027. Link para o envio: <https://www.revistas.usp.br/esse/about/submissions>
- Publicação programada Estudos Semióticos 23(2): agosto de 2027.

Detalhes sobre a redação e a formatação dos artigos

- Línguas aceitas: português, francês, inglês, italiano, espanhol.
- Os resumos deverão ser redigidos em inglês + outra língua de acordo com aquelas aceitas.
- Os artigos submetidos deverão conter de 25.000 a 50.000 caracteres (espaços incluídos).
- Verificar as normas de formatação da revista.

La semiótica y el Sur Global: significados, conocimientos y poderes

Alexandre Marcelo Bueno (Universidade de São Paulo)

Elder Cuevas-Calderón (Universidad de Lima)

Presentación

La semiótica es un campo de conocimiento autónomo, pero que al mismo tiempo dialoga con otras disciplinas. A pesar de tener fundamentos epistemológicos distintos, las diversas teorías semióticas comparten un mismo objeto de interés: la significación. También comparten una forma propia de analizarla a partir de la descripción de las formas y los procesos mediante los cuales el sentido se produce, circula, se estabiliza y se transforma. Las tradiciones semióticas parten del principio de que el sentido no es algo dado, sino una construcción, con sus condicionantes sociales, culturales, económicos, lingüísticos e históricos. Este principio, sin embargo, no abarca todo el campo. La biosemiótica, y parte de la tradición peirceana, extiende la semiosis más allá de lo humano para describir mundos en los que los animales y las plantas también significan, en elaboraciones recientes que combinan a Peirce y el perspectivismo amerindio, en los que también los espíritus y otros seres no humanos participan de la semiosis (Kohn, 2013; Viveiros de Castro, 1996).

Otro punto en común entre las teorías semióticas se refiere a sus orígenes en lo que hoy se denomina el Norte Global, donde los modelos teóricos del campo se formaron en Europa y en Estados Unidos. Esta hegemonía, sin embargo, no debe interpretarse únicamente como la oposición entre un bloque poseedor del conocimiento y otro desprovisto de él. Se pueden, en cambio, señalar las desigualdades en la producción, la circulación y la legitimación del conocimiento; es decir, quién formula las categorías consideradas generales, en qué idiomas circulan, qué objetos se reconocen como teóricamente relevantes y cuáles quedan reducidos a «casos locales». Estas desigualdades también atraviesan al propio Sur, donde existen centros y periferias académicas, lenguas hegemónicas y lenguas subalternizadas, así como saberes (indígenas, afrodescendientes, populares) que permanecen al margen de las instituciones. Para la semiótica, estas desigualdades presentan además dos aspectos que le son propios. El primero es el problema del metalenguaje: en qué lengua natural se formulan las categorías teóricas y qué se pierde, o se gana, cuando se traducen a otras (Hjelmslev, 1975; Lotman, 1996). La segunda es el problema de la enunciación del saber, es decir, el lugar desde el cual se habla, problemática que puede extenderse a la pretensión de un observador que ve sin ser visto, lo que Castro-Gómez (2005) denominó *hybris* del punto cero.

Esta hegemonía ha sido cuestionada por investigaciones realizadas por investigadores que trabajan o provienen de regiones delimitadas por la expresión «Sur Global». Este movimiento ha cuestionado los fundamentos epistemológicos de los saberes consolidados por los distintos procesos de colonización que cada país y continente ha sufrido, así como las formas de colonialidad que persisten en esas sociedades. Ya se han presentado numerosas propuestas en diferentes áreas del conocimiento humano, sobre todo en las denominadas Ciencias Humanas, como los estudios poscoloniales, el giro descolonial, las epistemologías del Sur y el perspectivismo amerindio, por mencionar solo aquellas que han tenido mayor repercusión en los círculos académicos (Quijano, 2000; Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007; Escobar, 2003; Santos; Meneses, 2009; Viveiros de Castro, 1996).

La semiótica, sin embargo, no llega a este debate con las manos vacías. La disciplina cuenta con instrumentos propios para reflexionar sobre el poder, la ideología y la

alteridad: la semiosis social (Verón, 1987) y la noción de semiosis colonial, formulada por Mignolo (2003). Este dossier invita a reactivar ese repertorio, entre otros no mencionados, y a confrontarlo con lo que las perspectivas descoloniales y poscoloniales tienen que decir en la actualidad.

En este dossier, «Sur Global» no se refiere únicamente a una ubicación geográfica. La expresión puede referirse a una posición en las relaciones de poder que organizan el sistema mundial o a una perspectiva epistemológica. Además, estas dimensiones no son equivalentes, ya que investigar un objeto latinoamericano, africano o asiático no implica, por sí solo, adoptar una perspectiva descolonial, así como es posible reflexionar críticamente sobre la colonialidad a partir de instituciones ubicadas en el Norte. En ese sentido, el «Sur Global» es también, para la semiótica, un objeto: una categoría semántica, con sus opuestos y sus contradictorios; una figura y un tema que circulan en los discursos mediáticos, políticos y académicos; y una posición de enunciación. Así como el «Tercer Mundo» fue, ante todo, una invención discursiva (Escobar, 1996), el «Sur Global» merece la misma atención descriptiva.

La pregunta que estructura este dossier es, por lo tanto, la siguiente: *¿de qué manera las prácticas de significación y los saberes del Sur Global cuestionan, reformulan o amplían las herramientas de las diferentes tradiciones semióticas —y qué permiten comprender estas tradiciones, a su vez, de dichas prácticas?* La formulación es deliberadamente bidireccional: no se trata solo de someter la teoría a la crítica, sino también de poner a prueba aquello que aún es capaz de describir.

El objetivo de este dossier es crear un espacio para que las investigadoras e investigadores debatan las condiciones de una semiótica poscolonial o de una descolonización de los postulados teóricos y epistemológicos de las semióticas. Se trata de examinar si, y en qué medida, estas revisiones pueden fundamentar las especificidades teóricas, epistemológicas y analíticas de las semióticas del Sur Global. Para la semiótica, la colonialidad no es solo una relación de poder, sino también un régimen de sentido; es decir, una forma de organizar la enunciación, las axiologías, los criterios de veracidad y los regímenes de visibilidad, entre otras posibilidades analíticas.

Por último, la crítica a las semióticas y la crítica a dicha crítica forman parte del debate que se desea acoger. De este modo, también son bienvenidas las contribuciones que examinen, de manera argumentada, los alcances y los límites de las propuestas descoloniales y poscoloniales: sus riesgos de esencialización de las culturas, de homogeneización del propio Sur o de reproducción, bajo una nueva forma, de las jerarquías académicas que pretenden criticar. En este sentido, la crítica a la razón latinoamericana y a sus esencialismos (Castro-Gómez, 1996) constituye un precedente útil. La semiótica aporta aquí lo que le es propio: el análisis del propio discurso descolonial y poscolonial —sus figuras («Occidente», «modernidad», «Sur»), su narratividad, sus axiologías y sus regímenes de veridicción—.

En todos los casos, se espera que los artículos describan textos, prácticas u objetos concretos, o que examinen categorías teóricas y metodológicas específicas de la semiótica. No se dará prioridad a los trabajos cuya contribución se limite a la discusión de epistemologías descoloniales o poscoloniales sin incidir en categorías, métodos u objetos semióticos.

Ejes temáticos

Este dossier convoca, por lo tanto, a investigadoras e investigadores interesados en estas problemáticas a que presenten trabajos relacionados con uno o más de los siguientes ejes, que se plantean como una sugerencia y una invitación a la reflexión colectiva:

1. Genealogías e instituciones del saber semiótico: historia, circulación y condiciones institucionales de la producción semiótica en el Sur Global y a partir de él.

- Traducciones, recepciones, apropiaciones y reinenciones de las teorías semióticas en el Sur Global, incluyendo el problema del metalenguaje y de la traducción de las categorías semióticas a otros idiomas
- Tradiciones semióticas desarrolladas en América Latina, África y Asia y sus relaciones con los centros de producción teórica; las trayectorias de circulación entre el Sur y el Norte (Verón, 1987; Mignolo, 2003); las teorías elaboradas a partir de objetos del Sur
- Teorías de la significación y del signo ajenas al canon euroamericano, como las tradiciones indias, chinas, árabes, africanas y amerindias (sistemas gráficos mesoamericanos, quipus) y su diálogo con las semióticas contemporáneas

2. Revisión conceptual y metodológica: examen crítico de conceptos y procedimientos a la luz de los objetos, las lenguas y las experiencias históricas del Sur.

- Crítica a los modelos teóricos semióticos procedentes del Norte Global, a partir de problemas específicos: sujeto y agencia, naturaleza y cultura, centralidad del lenguaje verbal escrito, modelos de narratividad, universalidad de las categorías; y además: signo y representación (la crítica perspectivista de la representación frente a la tríada peirceana), universales semánticos y cuadrado semiótico, nociones de texto y de cultura, relación entre lo sensible y lo inteligible (cuerpo, afecto, tensividad), regímenes de creencia y de veridicción
- Categorías semióticas que ayudan a reflexionar sobre la propia asimetría entre tradiciones, como la dinámica entre centro y periferia en la semiesfera, la frontera, la traducción y la relación entre lo propio y lo ajeno (Lotman, 1996); los regímenes de alteridad (Landowski, 1992); la enunciación del saber y el «punto cero» (Castro-Gómez, 2005)
- Propuestas metodológicas para el análisis de sistemas de significación no verbales o no alfabéticos

3. Investigaciones empíricas situadas: análisis de prácticas de significación que tengan en cuenta las especificidades de las culturas del Sur Global.

- Textos, prácticas y objetos significativos de las culturas locales y de los pueblos originarios en sus tradiciones orales, representaciones, sistemas gráficos, religiosidades, medios de comunicación, espacios urbanos, cuerpo y alimentación, descritos en su organización interna y en lo que exigen de las nociones de texto, signo, enunciación o narratividad
- La mezcla, el mestizaje y los hibridismos del Sur Global como procesos semióticos —tales como la traducción, la criollización, el semisimbolismo, los regímenes de interacción y de alteridad—, en diálogo con las elaboraciones clásicas de estos conceptos (Canclini, 1990; Zilberberg, 2004) y con sus críticas
- La colonialidad como efecto de sentido (su inscripción en la enunciación, en las axiologías, en la veridicción y en la visibilidad de los textos y las prácticas). Procesos de subalternización, disputas por la modernidad y prácticas que reproducen o cuestionan la colonialidad, incluidas las estrategias de

resemantización y los proyectos de autonomía y de diseño de otros mundos posibles (Escobar, 2010)

4. Debates con perspectivas descoloniales y poscoloniales: diálogo crítico, en ambos sentidos, entre las semióticas y los movimientos teóricos que cuestionan la colonialidad.

- Interfaces con el giro descolonial (Ballestrin, 2013; Gómez y Grosfoguel, 2007; Escobar, 2003), el perspectivismo amerindio, las epistemologías del Sur, entre otros movimientos teóricos, y con conceptos que ya los acercan a la semiótica, como el de semiosis colonial (Mignolo, 2003), el de *hybris* del punto cero (Castro-Gómez, 2005) o el de invención discursiva del Tercer Mundo (Escobar, 1996)
- Convergencias, diferencias y tensiones entre estos enfoques y las diferentes tradiciones semióticas
- Cuestionamiento de los postulados teóricos y analíticos de la descolonialidad, la poscolonialidad y otros movimientos teóricos del Sur Global (sus alcances y sus límites), en la línea de la crítica a los esencialismos latinoamericanistas (Castro-Gómez, 1996)
- El discurso descolonial y poscolonial como objeto semiótico: sus figuras («Occidente», «modernidad», «Sur»), su narratividad (actantes, antisujetos, programas), sus axiologías y sus regímenes de veridicción

Bibliografía

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, p. 89–117, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 149–186, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.1.149-186>.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; BUENO, Alexandre Marcelo; VARGAS, Celia Rubina. Semiótica na América Latina: estudos da sociedade e da cultura. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, v. 24, n. 3, p. 1–12, 2023. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/tl/article/view/15757>.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México, D.F.: Grijalbo, 1990.
- CARMONA, Luis Javier Hernández; FIGUEROA, José Javier Capera; DELGADO, Arturo José Bastidas; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; MENDOZA, Lucía Andreina Parra (eds.). *Semiótica y discursos de la descolonización*. Trujillo: Fondo de Publicaciones del Laboratorio de Investigaciones Semióticas y Literarias (LISYL), 2020.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para uma diversidade epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Crítica de la razón latinoamericana*. Barcelona: Puvill Libros, 1996.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

- CUSICANQUI, Silvia Rivera. Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- DUSSEL, Enrique. 1492: el encubrimiento del Otro: hacia el origen del mito de la modernidad. Madrid: Nueva Utopía, 1992.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. Definición de la cultura. México: Itaca, 2001.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. La modernidad de lo barroco. México: Era, 1998.
- ESCOBAR, A. (2010). Latin America at a crossroads: Alternative modernizations, post-liberalism, or post-development? *Cultural Studies*, 24(1), 1–65.
- ESCOBAR, Arturo (2003). "Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano". *Tabula Rasa*, n. 1, p. 58–86.
- ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo: construcción y reconstrucción del desarrollo*. Bogotá: Editorial Norma, 1996.
- FONTANILLE, Jacques. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2, p. 1–9, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.127608>.
- FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso: balanço e perspectivas. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 6, n. 1, 2008. DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v6i1.951>.
- GROSFUGUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones decoloniales: una breve introducción. *Tabula Rasa*, v. 9, p. 29–38, 2009. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.337>.
- HAIDAR, Julieta. Los procesos semiótico-discursivos de la resistencia desde la complejidad, la transdisciplinariedad, la decolonialidad. In: HAIDAR, Julieta (ed.). *Cosmosemióticas de la resistencia y decolonialidad*. Mexico City: Sb Editorial, 2023. p. 25–46.
- HERRERA, Eduardo Chávez. Pasos hacia la descolonización de la semiótica. In: PARDO, Neyla Graciela; DELUPI, Baal (eds.). *Miradas múltiples de la semiótica latinoamericana*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2025. P. 205–228.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- KOHN, Eduardo. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LEMO, Carolina Lindenberg; PORTELA, Jean Cristtus; BARROS, Mariana Luz Pessoa de. Le soin de la formation: l'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. *Signata*, n. 3, p. 47–89, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/signata.806>.
- LOTMAN, Yuri. *La sémiotique*. Limoges : PULIM, 1996.
- MACHADO, Irene. Semiotic boundary spaces: an exercise in decolonial aesthetics. *Linguistic Frontiers*, v. 5, n. 2, p. 77–87, 2022. DOI: <https://doi.org/10.2478/lf-2022-0018>.
- MIGNOLO, Walter. Colonial semiosis and decolonial reconstitutions. *Echo: Rivista Interdisciplinare di Comunicazione*, v. 2, p. 8–20, 2020. Disponível em: <https://ojs.cimedoc.uniba.it/index.php/eco/article/view/1204/1017>.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.
- QUIJANO, Aníbal (2000). "Colonialidad del poder y clasificación social". *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342–386.

- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, p. 11–21, 1992.
- REYES, Angela. Postcolonial semiotics. *Annual Review of Anthropology*, v. 50, p. 291–307, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-101819-110253>.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. São Paulo: Boitempo/Autêntica, 2022.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Os saberes nascidos nas lutas: construindo as epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Autêntica, 2025.
- SANTOS, Boaventura Sousa & MENESES, Maria Paula (orgs.) (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- VERÓN, ELISEO. La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1987.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- ZILBERBERG, Claude. "As condições semióticas da mestiçagem". Trad. Ivã Carlos Lopes. In: CAETANO, Káti; CAÑIZAL, Eduardo Peñuela (orgs.). *O olhar à deriva*. Mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.

Información práctica

Fechas importantes

- Envío de propuestas (una página): del 15 de octubre de 2026 al 30 de noviembre de 2026. Envíe una copia a ambas direcciones de correo electrónico: alexandrembueno@usp.br y ECuevas@ulima.edu.pe. Asunto: Dossier «La semiótica y el Sur Global» — propuesta de artículo.
- Respuesta sobre las propuestas recibidas: 15 de diciembre de 2026.
- Plazo para el envío, a través de la plataforma OJS de la revista, de los artículos completos cuyas propuestas hayan sido aceptadas: del 15 de enero al 15 de marzo de 2027. Enlace para el envío: <https://www.revistas.usp.br/esse/about/submissions>
- Publicación prevista en *Estudos Semióticos* 23(2): agosto de 2027.

Detalles sobre la redacción y el formato de los artículos

- Idiomas aceptados: portugués, francés, inglés, italiano, español.
- Los resúmenes deberán redactarse en inglés + otro idioma de entre los aceptados.
- Los artículos presentados deberán contener entre 25 000 y 50 000 caracteres (espacios incluidos).
- Consulte las normas de formato de la revista.